

coleção
Singularis

VOLUME 1

EDUCAÇÃO EM SUAS
MÚLTIPLAS FACES
E SENSIBILIDADES

CLARISSE ISMÉRIO
(ORG.)

Texto e Contexto

EDITORA E LIVRARIA

CAPÍTULO 8

MEDIA LITERACY COMO COMPETÊNCIA PARA O DESENVOLVIMENTO DE UM PROTAGONISMO DOCENTE ALIADO À CULTURA DIGITAL CONTEMPORÂNEA

Raiza Roznieski (PUCRS)

Lucia Giraffa (PUCRS)

A cultura digital contemporânea está fortemente associada à internet e seus serviços, logo compreender as inter-relações e a complexidade inerente a esta extensão da presencialidade como espaço para comunicação, disseminação e produção de conhecimento torna-se mandatório para o bem-viver neste mundo digital. O contexto escolar, e a discussão relacionada à formação docente, ganhou novos contornos e se ressignifica no contexto da cultura digital. A informação está disponível de forma rápida e ubíqua, com acesso por meio de artefatos digitais conectados à rede internet. Neste cenário de disseminação ampla da informação, o papel do processo assume novos

matizes e, do ponto de vista pedagógico, ele/ela se torna um curador da informação. Cabendo a ele/ela identificar, catalogar, organizar e criar espaços pedagógicos para que a construção do conhecimento seja realizada por parte dos seus alunos. Porém, para que esta curadoria aconteça, novas habilidades e competências associadas à fluência digital devem ser adquiridas. No tocante ao processo formativo do educador contemporâneo, o desenvolvimento de uma inteligência digital, definida pela soma das habilidades técnicas, mentais e sociais que permitem a um indivíduo encarar os desafios e se adaptar às demandas da vida digital se faz mandatório (TIBAU, 2016). Além dos tradicionais estudos das inteligências múltiplas, emocional e espiritual, por exemplo, agrega-se a inteligência digital, que permitirá ao indivíduo compreender e transitar no ambiente digital estabelecido pelas múltiplas redes sociais que hoje fazem parte do cotidiano da sociedade plugada.

A qualidade da informação passa a ser de suma importância para o processo educativo e as tomadas de decisão. O espaço virtual estabelecido pela internet é uma extensão do espaço presencial. As novas gerações não diferenciam o presencial do virtual no que se refere a comportamento relacionado a comunicação, lazer e consumo. Educar-se para selecionar a informação adequada e credível é um desafio para uma sociedade que vive intensamente o impacto deste novo contexto. Como funciona a internet? O que significa colocar meus arquivos na nuvem? Como remover uma informação de uma rede social e garantir que ela desapareceu? Como proteger meus dados de um ataque hacker? O que é um ataque hacker? São algumas das muitas perguntas que emergem no novo cenário da sociedade digital constituída de forma intensa, muito rápida e sem a devida

preparação, em larga escala, para compreensão e estabelecimento de uma ambiência digital segura.

Informações inverídicas sempre estiveram presentes no dia a dia do jornalismo (radio, televisão e agora na internet). Desde o mais antigo jornal que se tem registro, o *Acta Diurna*, datado de 69 a.C. e idealizado por Júlio Cesar para informar sobre fatos sociais e políticos ocorridos no império, aos jornais que começaram a serem impressos na prensa de Johannes Gutenberg, em 1447, a divulgação de notícias, duvidosas ou não credíveis, faz parte da comunicação (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS, 2005).

Robert Darnton, professor emérito da Universidade Harvard, afirma ter indícios de notícias falsas desde a Idade Antiga, no século VI com Procópio, historiador bizantino conhecido por escrever a história do império de Justiniano. No caso, ele também escreveu um texto secreto, chamado “*Anekdotia*”, em que espalhou as primeiras *fake news* identificadas, manchando a reputação de muitos, inclusive do imperador. Entretanto, na opinião de Darnton (2017), o principal difusor de *fake news* – ou o que classificou como “*semi fake news*”, pois continuam algumas verdades –, foi Pietro Aretino (1492-1555), jornalista e aventureiro que difamava um dos cardeais candidatos a papa.

É necessário esclarecer que, apesar de ser conhecido hoje como *fake news*, o que se traduz em notícias falsas, é errado chamar assim o termo. Ao consultar o dicionário, está conceituado que notícia é “informação sobre situação atual ou de acontecimento recente; nova, novidade”. Já na área jornalística, é “relato de fatos e acontecimentos atuais de interesse público, veiculado em jornal, televisão, rádio,

revista” (MICHAELIS, 2020). Sendo assim, uma informação falsa divulgada na imprensa não é notícia falsa, é simplesmente mentira. Não cabe neste texto refletir mais profundamente sobre o tema, mantendo os termos *fake news* ou notícias falsas para denominar inverossimilidade divulgada nos veículos.

Motivados pelas poucas investigações empíricas em grande escala sobre a difusão da desinformação ou de suas origens sociais e pelos acontecimentos relacionados à *fake news* e às eleições de 2016 nos EUA, pesquisadores do *Massachusetts Institute of Technology (MIT)* publicaram o estudo *The spread of true and false news online*. Considerado por eles o maior estudo longitudinal de propagação de notícias falsas online, eles descobriram que conteúdos falsos são disseminados mais rapidamente e têm um alcance 70% maior do que os verdadeiros, independentemente do tema. Além disso, diferentemente do que o senso comum imagina, não são os *bots* (famosos robôs da internet) os responsáveis pela disseminação, mas o cidadão comum (VOSOUGHI et al., 2018).

“Ao redor do mundo, governo atores estão usando mídia social para fabricar consenso, automatizar supressão, e minar confiança na liberal ordem internacional (tradução nossa)” (BRADSHAW, HOWARD, 2019, p. 1). Com essa afirmação, o relatório *2019 Global Inventory of Organised Social Media Manipulation*, do *Oxford Internet Institute*, introduz sobre manipulação de mídias sociais. De acordo com o estudo, em 2019, foram identificadas ações de manipulação em 70 países, índice que cresceu 150% desde 2017. Outro ponto em destaque é o uso orquestrado das redes sociais na amplificação da desinformação, na incitação à violência e na crescente desconfiança da sociedade nas instituições, como governo e imprensa.

Os autores destacam ainda que a propaganda computacional – o uso de algoritmos, automação e *big data* – está sendo usada para moldar a vida pública, pois está se tornando onipresente no cotidiano. Além disso, está sendo usada como ferramenta de controle da informação em governos autoritários de três formas: suprimindo direitos humanos fundamentais, desacreditando oponentes políticos e abafando opiniões divergentes. (BRADSHAW, HOWARD, 2019).

Logo, educar-se para viver no mundo digital, especialmente desenvolver as habilidades e competências associadas à inteligência digital é uma necessidade de todos. No âmbito do contexto escolar acredita-se que esta construção deve ocorrer desde os primeiros anos da Educação Básica e estender-se até a Educação Superior, garantindo o escopo de reflexão formativa necessária para podermos ter hábitos de consumo de informação qualificada. Para tal, o agente facilitador, no âmbito escolar, é o professor. Evidentemente, não só ele é responsável por isso, afinal, a cultura digital deve ser construída em toda as dimensões e espaços sociais. “Compreender como as notícias falsas se espalham é o primeiro passo para contê-las “ (VO-SOUGHI, DEB, ARAL, 2018, p. 1).

Neste artigo, foi desenvolvido um ensaio que leve o(a) leitor(a) a compreender como funcionam as engrenagens da mídia digital e a importância da transversalidade deste conhecimento para formação crítica do professor contemporâneo, auxiliando na sua tarefa de curadoria da informação a ser trabalhada com seus alunos. Informação de qualidade é base para construção de conhecimento crível e útil para resolução dos problemas que os alunos enfrentarão na sua caminhada formativa. Esta compreensão também os auxiliará a viver com mais segurança na virtualidade evitando fraudes e perigos digi-

tais, que hoje facilmente cercam as pessoas, causando danos e perdas morais, emocionas e materiais. Uma educação digital para desenvolvimento de uma ambiência digital sadia e crítica. Quem pode auxiliar a construir isso é o docente, visto ser ele/ela o agente incentivador do protagonismo discente que tanto se espera neste novo e desafiador cenário do mundo digital em constante movimento e transformação.

Com a inserção nesta cultura digital, convive-se com múltiplas telas, podendo consumir e disseminar informações a um clique. Além de produzir conteúdos e compartilhá-los, o cidadão não foi instruído ou teve uma formação para atuar na sociedade digital. Da mesma forma que a nossa vida foi impactada pela tecnologia digital, é necessário que o sistema educacional também acompanhe essa transformação, sob o risco de cidadãos e países não se desenvolverem no futuro, como afirma Castells (2006), padrões e as dinâmicas da requeridas pela Sociedade em Rede, incluindo, inclusive, a educação em literacia midiática:

“(...) requer uma reconversão total do sistema educativo, em todos os seus níveis e domínios. Isto refere-se, certamente, a novas formas de tecnologia e pedagogia, mas também aos conteúdos e organização do processo de aprendizagem. Tão difícil como parece, as sociedades que não forem capazes de lidar com estes aspectos irão enfrentar maiores problemas sociais e económicos, no actual processo de mudança estrutural” (CASTELLS, 2006, p. 28).

Os professores têm um papel importante no processo de educação sobre literacia midiática. Buckingham (2019), em seu manifesto, questiona por que deveria estar ensinando sobre mídia aos jovens, justificando logo em seguida que pesquisas apontam que as crianças passam muito mais tempo se engajando com a mídia do que em qualquer outra atividade, com exceção de dormir. “Isso por si só pode

parecer suficiente, pelo menos, se acreditarmos que a escolaridade deve ser relevante para a vida das crianças fora da escola (tradução nossa)” (BUCKINGHAM, 2019, p.11).

Neste contexto, de produção e propagação de notícias falsas potencializadas pelas mídias sociais e pelo capitalismo baseado em dados, torna-se imprescindível a educação em literacia midiática, para: desenvolver o pensamento crítico sobre como a mídia funciona; compreender como ela representa o mundo; e entender como é produzida e usada. Buckingham (2019), por exemplo, reafirma, a necessidade de uma educação em literacia midiática abrangente, aprofundada e que responda aos desafios das novas formas de produção e consumo de mídia na atualidade. Considera essencial que todos os cidadãos saibam usar a mídia de modo crítico, sendo necessário que percebam como funciona, como é produzida e consumida.

No mundo de desinformação – resultado de *fake news* potencializadas pelas tecnologias digitais, somadas aos interesses políticos e econômicos –, o presente texto pretende iniciar um trabalho de discussão sobre a literacia midiática como prática transversal na educação básica com a finalidade de desenvolver o protagonismo dos cidadãos, tornando-os mais críticos e atuantes na democracia, seja produzindo, compartilhando ou consumindo conteúdos. Optou-se por manter o estrangeirismo dos termos *fake news* e *media literacy*, apesar de terem tradução no idioma brasileiro. Como Martino e Menezes (2012) afirmam quando assumem a mesma posição de ratificar o segundo termo aqui trazido, o uso em inglês pode ser considerado “algum tipo de esnobismo intelectual, reforçado por certo desejo de hermetismo ao não traduzir a expressão para a língua portuguesa,

sobretudo quando é sabido que ambos os termos têm, efetivamente, tradução para o idioma”.

Quando se fala em *media literacy* é fácil traduzir *media* para “mídia” e compreender ser os meios de comunicação. A segunda palavra, no entanto, necessita de mais contextualização em sua conceituação. *Literacy* costuma ser traduzida como “alfabetização”, mas em português este termo refere-se ao contato com o alfabeto dando início ao domínio da língua escrita, mas em um entendimento ainda inicial e elementar, o que não necessariamente se entende dentro do universo da *media literacy*. Outra opção de tradução refere-se à *literacy* como “letramento”, o que de alguma maneira mantém o problema da referência à escrita. (MARTINO e MENEZES, 2012, p. 11)

“Nesse caso, seria possível até mesmo entender *media literacy* como a competência para ação e reflexão no ambiente midiático – no caso, midiaticizado – a partir da construção de relações com seu modo de ser específico. Isso leva em conta fatores sociais, econômicos e culturais no qual indivíduo, coletividade, instituições e meios de comunicação estão envolvidos e interligados de maneira orgânica, não instrumental – não se “usa” a mídia como não se “usa” a escola ou a família” (MARTINO e MENEZES, 2012, p. 12).

Com o objetivo de reduzir em apenas duas palavras, faz-se necessária a definição em que o termo *literacia* é importado da literatura anglo-saxônica (*literacy*) e diz respeito ao “conjunto das habilidades da leitura e da escrita (identificação das palavras escritas, conhecimento da ortografia das palavras, aplicação aos textos dos processos linguísticos e cognitivos de compreensão)” (MORAIS, 2013, p. 4).

Como exemplifica Gabriel (2017), na literatura de língua inglesa, o termo *literacy* não se confunde com a aprendizagem inicial da leitura, que é denominada *reading acquisition, reading instruction, beginning literacy*, campo de estudos que trata dos processos cognitivos e da

intervenção pedagógica cujo objetivo é auxiliar o aluno nessa aprendizagem.

Fazendo uma reflexão sobre os três conceitos – letramento, alfabetização e literacia – observa-se que são relacionados, porém não podem ser considerados sinônimos. Cada um possui especificidades que devem, necessariamente, ser consideradas no planejamento escolar e nas propostas pedagógicas voltadas à educação para a leitura. Ainda que aprender a ler seja um marco no desenvolvimento da competência comunicativa por meio da leitura e da escrita, outras aprendizagens serão necessárias na criação de leitores competentes (GABRIEL, 2017).

Na sequência abordados a tradução e conceito de literacia midiática, tendo como pano de fundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

LITERACIA MIDIÁTICA: DO CONCEITO AO SEU USO NA EDUCAÇÃO

A definição mais citada de literacia midiática é um conceito elaborado pelos participantes do *Aspen Media Literacy Leadership Institute* de 1992: “a literacia midiática é a capacidade de um cidadão de acessar, analisar e produzir informações para resultados específicos (tradução nossa)” (AUFDERHEIDE e FIRESTONE, 1993, p. 6).

Faz-se necessário entender e ratificar que a literacia midiática não é “proteger” as pessoas de mensagens indesejadas, bloqueando o acesso a elas como, por exemplo, desligando a televisão. Afinal, a mídia está tão presente em nosso meio cultural que, mesmo desligando o aparelho, ainda haverá influências da cultura de mídia atual.

Da mesma forma, não é o oposto. Não é colocar um indivíduo na frente da televisão ou computador sem prática educacional. A literacia midiática consiste em ajudar as pessoas no desenvolvimento do pensamento crítico em todas as formas de mídia, para que controlem a interpretação do que veem ou ouvem, em vez de permitir que a interpretação os controle.

Aprender sobre literacia midiática é levantar questões certas sobre o que está assistindo, lendo ou ouvindo. Segundo Len Masterman (1985), um dos pioneiros do estudo da mídia de massa em escolas, o aluno deve aprender a pensar por si só, o que denomina “autonomia crítica”. Sem essa habilidade fundamental de literacia midiática, não se pode ler e desconstruir um texto midiático para si mesmo, fazer julgamentos autônomos sobre eleições, por exemplo, e ser um cidadão democrático, crítico e produtivo.

Sem essa capacidade fundamental, um indivíduo não pode ter plena dignidade como pessoa humana ou exercer a cidadania em uma sociedade democrática onde ser cidadão é compreender e contribuir para os debates da época. A autonomia crítica é o processo pelo qual o usuário é capaz de ler um texto de mídia de uma forma diferente da leitura preferida. É também usado para descrever a capacidade dos alunos de literacia midiática de desconstruir textos fora da sala de aula (MASTERMAN, 1985).

A *media literacy education*, aqui traduzida para educação em literacia midiática, faz parte do currículo nos Estados Unidos, Canadá e em alguns países da União Europeia, e tem como propósito promover a conscientização da influência da mídia e criar uma postura ativa em relação ao consumo e à criação de mídia. Há uma comunidade global

interdisciplinar de educadores e acadêmicos em literacia midiática, infelizmente, em língua inglesa sem tradução.

Contudo, Tessa Jolls, presidente e *CEO* do *Center for Media Literacy (CML)* e editora executiva do projeto *Voices of Media Literacy Publisher*¹, é crítica em relação à forma com que o sistema educacional incorporou a literacia midiática nas escolas, em comparação com a acessibilidade e velocidade da tecnologia. Entretanto, reforça que os conceitos são atemporais ao afirmar que o resultado da sociedade hoje é produto das falhas na estrutura educacional, não na pedagogia da literacia midiática.

“Como resultado, a tecnologia galopou à frente e é altamente acessível, enquanto a literacia não. As gerações deixaram de obter esses fundamentos da literacia midiática, mas isso não torna a necessidade de obter os fundamentos menos relevantes; eles são mais importantes do que nunca! Desconstrução, construção, participação - tudo está interligado e é relevante. Os conceitos de literacia midiática se aplicam, independentemente do meio (tradução nossa)” (JOLLS, 2011, p.3).

De 1992 até 2020 são quase três décadas. A definição, no entanto, também evoluiu com o tempo, e uma mais robusta agora é necessária para situar a literacia midiática no contexto de sua importância para a educação dos alunos em uma cultura de mídia do século XXI. De acordo com a CML (2020), a literacia midiática é uma abordagem educacional do século 21 que constrói uma compreensão do papel da mídia na sociedade, bem como habilidades essenciais de investigação e autoexpressão necessárias para os cidadãos de uma democracia. É uma habilidade para acessar, analisar, avaliar, criar e agir usando todas as formas de comunicação.

1. *Voices of Media Literacy Publisher* é um projeto que entrevistou 20 pioneiros da literacia midiática ativos antes da década de 1990 em países de língua inglesa. O projeto forneceu um contexto histórico para o surgimento da literacia midiática de indivíduos que ajudaram a influenciar o campo.

Segundo Hobbs (2010), fundadora também do *Education Media Lab*, literacia midiática e digital são várias habilidades para a vida que são necessárias para a plena participação em nossa mídia saturada, rica em informações da sociedade. Isso inclui a capacidade de:

- Fazer escolhas responsáveis, acessar informações localizando e compartilhando materiais e compreender informações e ideias;
- Analisar mensagens em uma variedade de formas, identificando o autor, propósito e ponto de vista, e avaliando a qualidade e credibilidade do conteúdo;
- Criar conteúdo em uma variedade de formas, fazendo uso de linguagens, imagens, sons e novas ferramentas e tecnologias digitais;
- Refletir sobre sua própria conduta e comportamento de comunicação aplicando responsabilidade social e princípios éticos;
- Realizar ações sociais, trabalhando de forma individual e colaborativa para compartilhar conhecimento e resolver problemas na família, no local de trabalho e na comunidade, e participando como membro de uma comunidade. (Tradução nossa)

As cinco competências trazidas por Hobbs (2010) trabalham juntas em uma espiral de empoderamento, apoiando a participação ativa das pessoas na aprendizagem ao longo da vida, consumindo e criando mensagens. Citando Freire (1968), a autora afirma que esta abordagem é consistente ao construtivismo na educação. “Um conceito de mulheres e homens como seres conscientes... e com a pose dos problemas do ser humano em suas relações com o mundo” (FREIRE, 1968 apud HOBBS, 2010 p. 18).

Dessa forma, observa-se uma atualização no entendimento de literacia midiática, quando surgiu o conceito, em comparação aos dias de hoje – com o advento das tecnologias digitais. A imagem a seguir ilustra essa atualização:

Imagem 1: comparação antiga e nova literacia midiática



Fonte: Autoras (2020)

Já a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), pioneira em ações para a promoção e que propõe a união da literacia midiática e informacional (*media and information literacy - MIL*), afirma que é um pré-requisito importante fomentar o acesso equitativo à informação e ao conhecimento e promover meios de comunicação e sistemas de informação livres, independentes e pluralistas. (UNESCO, 2017)

“A literacia informacional e a literacia midiática são tradicionalmente vistas como campos separados e distintos. A estratégia da Unesco reúne esses dois campos como um conjunto combinado de competências (conhecimento, habilidade e atitude) necessárias para a vida e o trabalho hoje. A MIL considera todas as formas de mídia e outros provedores de informação, como bibliotecas, arquivos, museus e Internet, independentemente das tecnologias utilizadas. Um foco particular será o treinamento de professores para sensibilizá-los quanto à importância da MIL no processo educacional, capacitá-los a integrar a MIL em seu ensino e fornecer-lhes métodos pedagógicos, currículos e recursos adequados (tradução nossa)” (UNESCO, 2017).

Para tanto, resumidamente, o que se assume como definição no presente texto é:

- mídia refere-se a todos os meios eletrônicos (ou digitais) e/ou impressos usados para transmitir mensagens;
- literacia é a capacidade de codificar e decodificar símbolos e de sintetizar e analisar mensagens;
- literacia midiática é a capacidade de codificar e decodificar os símbolos transmitidos pela mídia e a capacidade de sintetizar, analisar e produzir mensagens mediadas;
- educação para a mídia é o estudo da mídia, incluindo experiências práticas e produção de mídia;

- educação para literacia midiática é o campo educacional dedicado ao ensino das habilidades associadas à literacia midiática.

Dentre as pesquisas realizadas nas últimas três décadas, enfocando o impacto da literacia midiática na educação básica, destaca-se a publicada no *Journal of Communication*, em que destaca que as intervenções de literacia midiática tiveram efeitos positivos nos resultados, incluindo conhecimento sobre a mídia, crítica, realismo percebido, influência, crenças comportamentais, atitudes, autoeficácia e comportamento (JEONG, 2012).

Segundo Jolls (2011) é um campo de estudo, uma pedagogia e um movimento. Ao descrever os motivos para ser um campo, a autora salienta:

“A maior cautela que vejo em fazer progresso no estudo da literacia midiática como um campo é estrutural, no sentido de que as universidades são divididas em silos de conhecimento que inibem o estudo interdisciplinar. A literacia midiática como campo exige “pensamento sistêmico” e estudo interdisciplinar; é um campo do século 21 que as estruturas universitárias feudais normalmente não suportam, o que torna a busca da literacia midiática um desafio (tradução nossa)” (JOLLS, 2011, p.3).

Em relação a ser um movimento, a autora explora que a sociedade tem interesse, uma vez que a literacia midiática é fundamental para ter cidadãos capazes em uma democracia que depende do pensamento crítico e da análise da informação.

“Com apostas tão grandes e a compreensão do novo papel da informação e da educação em nossa sociedade ainda tão limitada, é imperativo que a literacia midiática se torne um movimento de milhões de pessoas que buscam se tornar excelentes gerentes de informação, consumidores sábios, produtores responsáveis e ativos participantes em suas comunidades. É imperativo que milhões de pessoas exijam que essas habilidades sejam ensinadas formalmente a seus filhos. A base será finalmente ouvida. Nesse contexto, também é imprescindível contar com o apoio de todos os envolvidos, principalmente das corporações de

mídia que dirigem e controlam grande parte das mensagens (tradução nossa)” (JOLLS, 2011, p. 4).

Defende ainda que literacia midiática é uma pedagogia ao afirmar que compreender a própria mídia e ensinar outras pessoas sobre a mídia são duas habilidades diferentes. Para ela, a literacia midiática fornece uma estrutura e uma estratégia de ensino-aprendizagem aplicável na escola e fora dela, podendo usar os conceitos para uso pessoal ou para ajudar a ensinar e compartilhar com outras pessoas (JOLLS, 2011). Mesmo sabendo que o processo de ensino-aprendizagem transcende as paredes das escolas, pois não acontecem apenas em uma sala de aula, e todos são professores e alunos que precisam saber como ser literatos em mídia. Isso, contudo, não exclui o desenvolvimento profissional e outros recursos necessários para o sucesso em ambientes de educação formal, sendo necessário construir infraestrutura pedagógica em grande escala.

O CONTEXTO BRASILEIRO E A LITERACIA MIDIÁTICA

Homologada pelo Ministério da Educação (MEC) em 2017 para o Ensino Fundamental e em 2018 para o Ensino Médio, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é considerada um avanço na educação brasileira por definir o conjunto de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver. O controverso e discutido documento normativo foi criado para servir de base na construção de propostas pedagógicas, materiais didáticos e processos de avaliação de aprendizagem na Educação Básica.

A base é um ponto de partida para contribuir com o alinhamento de outras políticas e ações referentes “à formação de professores, à avaliação, à elaboração de conteúdos educacionais e aos critérios para

a oferta de infraestrutura adequada para o pleno desenvolvimento da educação” (BRASIL, 2017).

Na BNCC, a prática de linguagem definida como jornalístico-midiático, dentro da área de conhecimento de Língua Portuguesa, é a que mais se aproxima de uma abordagem de literacia midiática. O campo está presente nos anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) e no Ensino Médio (1ª a 3ª série), compreendendo alunos de 12 a 17 anos. Divide espaço com outros cinco campos: artístico literário, vida cotidiana, vida pública, prática de estudos e pesquisa, atuação na vida. Reúne ainda a prática de linguagem (análise linguística/semiótica; leitura; oralidade e produção de textos) que se relaciona com o objeto de conhecimento e as habilidades trabalhadas (BRASIL, 2017).

O que se espera com os alunos do Ensino Fundamental é:

“ampliar e qualificar a participação das crianças, adolescentes e jovens nas práticas relativas ao trato com a informação e opinião, que estão no centro da esfera jornalística/midiática. Para além de construir conhecimentos e desenvolver habilidades envolvidas na escuta, leitura e produção de textos que circulam no campo, o que se pretende é propiciar experiências que permitam desenvolver nos adolescentes e jovens a sensibilidade para que se interessem pelos fatos que acontecem na sua comunidade, na sua cidade e no mundo e afetam as vidas das pessoas, incorporem em suas vidas a prática de escuta, leitura e produção de textos pertencentes a gêneros da esfera jornalística em diferentes fontes, veículos e mídias, e desenvolvam autonomia e pensamento crítico para se situar em relação a interesses e posicionamentos diversos e possam produzir textos noticiosos e opinativos e participar de discussões e debates de forma ética e respeitosa” (BRASIL, 2017, p. 140).

Espera-se que os alunos que cheguem ao Ensino Médio sejam capazes de:

Compreender os fatos e circunstâncias principais relatados; perceber a impossibilidade de neutralidade absoluta no relato de fatos; adotar procedimentos básicos de checagem de veracidade de informação;

identificar diferentes pontos de vista diante de questões polêmicas de relevância social; avaliar argumentos utilizados e posicionar-se em relação a eles de forma ética; identificar e denunciar discursos de ódio e que envolvam desrespeito aos Direitos Humanos; e produzir textos jornalísticos variados, tendo em vista seus contextos de produção e características dos gêneros. Eles também devem ter condições de analisar estratégias linguístico-discursivas utilizadas pelos textos publicitários e de refletir sobre necessidades e condições de consumo.

No Ensino Médio, enfatiza-se ainda mais a análise dos interesses que movem o campo jornalístico-midiático e do significado e das implicações do direito à comunicação e sua vinculação com o direito à informação e à liberdade de imprensa. Também estão em questão a análise da relação entre informação e opinião, com destaque para o fenômeno da pós-verdade, a consolidação do desenvolvimento de habilidades, a apropriação de mais procedimentos envolvidos nos processos de curadoria, a ampliação do contato com projetos editoriais independentes e a consciência de que uma mídia independente e plural é condição indispensável para a democracia. Aprofundam-se também as análises das formas contemporâneas de publicidade em contexto digital, a dinâmica dos influenciadores digitais e as estratégias de engajamento utilizadas pelas empresas.

Como já destacado, as práticas que têm lugar nas redes sociais têm tratamento ampliado. Além dos gêneros propostos para o Ensino Fundamental, são privilegiados gêneros mais complexos relacionados com a apuração e o relato de fatos e situações (reportagem multimidiática, documentário etc.) e com a opinião (crítica da mídia, ensaio, vlog de opinião etc.). Textos, vídeos e podcasts diversos de apreciação de produções culturais também são propostos, a exemplo do que acontece no Ensino Fundamental, mas com análises mais consistentes, tendo em vista a intensificação da análise crítica do funcionamento das diferentes semioses” (BRASIL, 2017, p. 502 e 503).

Alinhado a isso, temos a aprendizagem por competências, em que o foco deste modelo está no aluno. Referência para a construção dos currículos de todas as escolas do país, com 10 pilares de competências gerais, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) espera que os alunos sejam capazes de aplicar, no dia a dia, os saberes possibilitados na escola, respeitando princípios universais, como a ética,

os direitos humanos, a justiça social e a sustentabilidade ambiental (BRASIL, 2017).

Apesar da BNCC prever a literacia midiática como conteúdo obrigatório nas escolas brasileira nos anos citados anteriormente e nos 10 pilares de competências gerais, estarão os professores preparados? Além disso, conforme muitos pesquisadores internacionais da área apontam, a literacia midiática começa desde a inserção da criança na escola, na alfabetização, pois é importante inserir elementos da comunicação na disciplina de língua portuguesa, para que o aluno comece a internalizar o conteúdo e compreender as notícias formando o pensamento crítico e a capacidade de compreensão do que é lido. Além disso, é importante também para a produção de conteúdo jornalístico. Mais do que uma teoria, a educação em literacia midiática é uma prática pedagógica.

Em uma tentativa de auxiliar os professores neste desafio que eles também não foram instruídos, existe o EducaMídia, um programa do Instituto Palavra Aberta com apoio do Google.org. De acordo com o site, ele foi criado para capacitar professores e organizações de ensino, além de engajar a sociedade no processo de educação midiática dos jovens, desenvolvendo seus potenciais de comunicação nos diversos meios.

Foi construído a partir de três competências centrais: interpretação crítica das informações, produção ativa de conteúdos e participação responsável na sociedade. Atua na formação de professores, no apoio a formuladores de políticas públicas e na sensibilização para o tema. A plataforma centraliza conteúdos para formação e pesquisa, além de materiais e recursos para a sala de aula alinhados com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)” (EDUCAMÍDIA, 2020).

Benefícios da educação em literacia midiática aos professores, de acordo com o site EducaMídia:

Imagem 2: benefícios da educação em literacia midiática para os professores



Fonte: EducaMídia

Ampliando a potencialidade do aprendizado em literacia midiática, o especialista W. James Potter traduz o protagonismo daqueles que se tornam literatos em mídia:

Tornar-se mais literato em mídia significa uma fronteira entre o mundo real de alguém e o mundo produzido pela mídia. Ser literato em mídia também significa obter as informações e a experiência que você deseja, sem sair da mídia o que você não quer. Então, você será capaz de criar sua vida como quiser e não permitirá que a mídia a crie como deseja - em seu nome (POTTER, 2012, p. 4).

É necessário reforçar que a educação em literacia midiática é imprescindível para desenvolver o pensamento crítico. E, apesar de já estar presente na BNCC (nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio) na área de conhecimento de Língua Portuguesa – e não de forma transversal como muitos especialistas pregam –, há um abismo entre a teoria e a prática. Todos os professores precisam ser proficientes no assunto, independente da disciplina, para trabalharem no processo de ensino aprendizagem junto aos seus alunos em sala de aula. Ou seja, para ser eficaz, a literacia midiática deve estar sustentada por um programa educacional consolidado. O governo, os representantes da sociedade, as escolas, os veículos de mídia

e as universidades devem se unir para estabelecer políticas públicas para que os alunos se tornem literatos em mídia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No estado democrático em que estamos inseridos, os três poderes são o executivo, o legislativo e o judiciário, sendo a mídia o quarto poder. Neste caso, o jornalismo é, inclusive, conhecido como o agente fiscalizador dos poderes constituídos nas democracias, que exerce sua função em nome do interesse público e como um fórum público. No entanto, ficam os questionamentos: quem fiscaliza a mídia? Quem está preparado para esta função? Sugere-se aqui que sejam os futuros literatos midiáticos, pois entende-se que a literacia midiática não é uma condição necessária à democracia, mas a sua generalização põe cada um em condições de debater e de contribuir de maneira informada para a decisão de todos. Afinal, democracia é debate e decisão (debate aberto a todos e decisão tomada coletivamente pela maioria).

Apesar de trazer no presente texto a literacia midiática como uma possibilidade para a desinformação – resultado de *fake news* potencializadas pelas tecnologias digitais, somadas aos interesses políticos e econômicos –, ela não deve ser considerada uma solução por si só. Para que seja eficaz deve estar sustentada por um programa educacional consolidado. Diante do desafio em desenvolver competências que permitam às crianças uma atitude crítica e exigente com a mídia, é fundamental que diversos atores (governo, representantes da sociedade, escolas, veículos de mídia, universidades) se unam para estabelecer políticas públicas que reconheçam na educação em literacia midiática suas vertentes interdisciplinares. Como evidenciamos ante-

riormente, as intervenções neste assunto tiveram efeitos positivos na sociedade: países que investem em educação em literacia midiática sofrem menos o impacto da desinformação.

Mesmo a literacia midiática no Brasil já estando presente na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) – nos anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) e no Ensino Médio (1ª a 3ª série) e na área de conhecimento de Língua Portuguesa –, defende-se a literacia midiática como prática transversal desde o início da educação básica, com a finalidade de desenvolver cidadãos mais críticos e atuantes na democracia, seja produzindo, compartilhando ou consumindo conteúdo.

Lembrando o agente mediador e curador da informação, o docente, se faz premente a inserção desta formação literacia midiática, de forma transversal, em todos os processos formativos de docentes, seja na graduação, pós-graduação ou formação em serviço. A questão deve perpassar todos os níveis formativos de docentes, especialmente aqueles professores que trabalham na Educação Básica, onde é construída toda uma concepção de mundo e os pilares da formação cidadã.

Contudo, como dizem no meio de inovação, devemos nos apaixonar pelo problema, não pela solução. Dessa forma, faz-se aqui um ensaio inicial de ideias a serem aprofundadas no que tange a transversalização desta literacia midiática nos currículos de formação docente, evitando abordagem reducionista de contemplar o tema por meio da criação de uma disciplina ou pequeno curso. Buscar-se-á construir uma proposta de ação que perpassasse, de forma ampla, a compreensão dos fenômenos midiáticos, a volatilidade e a capacidade de dissemi-

nação das informações na virtualidade. Sem esta reflexão cuidadosa e mais profunda, adquirida por uma formação para literacia midiática, antevemos crises e vulnerabilidades para todos àqueles que se descuidarem deste aspecto. Cabe à escola contemporânea incluir esta discussão como parte daquele conjunto de competências necessárias para o bem viver na cibercultura. Afinal, queremos ter uma sociedade feita pela escola, não uma escola feita pela sociedade. Ou seja, a escola não pode subordinar-se à sociedade para desenvolver mulheres e homens protagonistas, cidadãos com pensamento livre e crítico.

REFERÊNCIAS

- ANJ. Associação Nacional dos Jornais. **Jornais: Breve história**. Wayback Machine, 2010. Disponível em: <<https://bitly.com/QVouM>>. Acesso em: 31 ago. 2020.
- AUFDERHEIDE, P.; FIRESTONE, C. **Media Literacy: A Report of the National Leadership Conference on Media Literacy**. Queenstown, MD: Aspen Institute, 1993. Disponível em: <<https://bitly.com/GIPVN>>. Acesso em: 31 ago. 2020.
- BRADSHAW, S.; HOWARD, P. **The Global Disinformation Order 2019: Global Inventory of Organised Social Media Manipulation**. Oxford University, 2019. Disponível em: <<https://bitly.com/yc0z0>>. Acesso em: 31 ago. 2020.
- BRASIL, Ministério da Educação. **BNCC: Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2017. Disponível em: <<https://bitly.com/xfc9L>>. Acesso em: 31 ago. 2020.
- BUCKINGHAM, D. **The Media Education Manifesto**. Londres, 2019.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede: do conhecimento à Política**. Lisboa, 2006. Disponível em: <<https://bitly.com/eqZuT>> Acesso em: 31 ago. 2020.
- CML, Center Media Literacy. **What is Media Literacy? A Definition...and More**. Malibu, 2011. Disponível em: <<https://bitly.com/5Kt3a>>. Acesso em: 31 ago. 2020.
- DARNTON, R. **Notícias falsas existem desde o século 6**. Jornal Folha de São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://bitly.com/45SLp>>. Acesso em: 31 ago. 2020.
- EDUCAMÍDIA. **Quem somos**. São Paulo, 2019. Disponível em: <<https://bitly.com/A2Ysd>>. Acesso em: 31 ago. 2020.
- GABRIEL, R. **Letramento, alfabetização e literacia: um olhar a partir da ciência da leitura**. Novo Hamburgo, 2017. Disponível em: <<https://bitly.com/jKSyQ>>. Acesso em: 31 ago. 2020.

- HOBBS, R. **Digital and Media Literacy: A Plan of Action**. The Aspen Institute, 2010.
- JEONG, H.; CHO, H.; HWANG, Y. **Media Literacy Interventions: A Meta-Analytic Review**. The Journal of Communication, 2012. Disponível em: <<https://bitly.com/9oakd>>. Acesso em: 31 ago. 2020.
- JOLLS, T. **Voices of Media Literacy Publisher**. Malibu, 2011. Disponível em: <<https://bitly.com/IsT2k>>. Acesso em: 31 ago. 2020.
- JOLLS, T. **Voices of Media Literacy: International Pioneers Speak**. Malibu, 2011. Disponível em: <<https://bitly.com/7lgU7>>. Acesso em: 31 ago. 2020.
- MARTINO, L.; MENEZES, J. **Media Literacy: competências midiáticas para uma sociedade midiaticizada**. São Paulo, 2012. Disponível em: <<https://bitly.com/Ovg9c>>. Acesso em: 31 ago. 2020.
- MASTERMAN, L. **Teaching the Media**. Londres, 1985. Disponível em: <<https://bitly.com/6IdkS>>. Acesso em: 31 ago. 2020.
- MICHAELIS, Dicionário. **Notícia**. 2020. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/not%C3%ADcia/>>. Acesso em: 31 ago. 2020.
- MORAIS, J. **Criar leitores: para professores e educadores**. São Paulo, 2013.
- POTTER, J. **Media Literacy**. Thousand Oaks, London, New Delhi, Singapore, 2012.
- TIBAU, M. **Inteligência Digital**. 2016. Disponível em: <<https://www.updateordie.com/2016/09/02/inteligencia-digital>>. Acesso em: 31 ago. 2020.
- UNESCO. **Media and Information Literacy**. 2017. Disponível em: <<https://bitly.com/CxZhB>>. Acesso em: 31 ago. 2020.
- VOSOUGHI, S.; DEB, R.; ARAL, S. **The spread of true and false news online**. MIT Initiative on the Digital Economy Research Brief, 2018. Disponível em: <<https://bitly.com/T5BBQ>>. Acesso em: 31 ago. 2020.